

Por outro lado, sabemos que a riqueza de Tartesso não se cifrava exclusivamente no monopólio comercial do estanho. A agricultura, a pecuária e a pesca eram bem desenvolvidas. Mas a riqueza natural mais importante era a prata, de que Tartesso possuía ricas minas na Sierra Morena e na região de Cartagena. O cobre também era abundante na Andaluzia, na Galiza e o ouro, na Lusitânia. Uma prova da sua riqueza em prata temos na afirmação de Aristóteles de que, em Tartesso, até âncoras foram fundidas com esse metal.

(**Tartesso e a rota do estanho**, em "Estudos Ibero-Atlânticos". págs. 28-33.)

*

SÃO PAULO EM 1 872

Depois de consultar estatísticas e vários livros, chegamos à conclusão de que pelo ano de 1 872 começou a transformação de São Paulo. Mas, queremos desde já tornar claro que, sem certos fatos anteriores, absolutamente não se teria dado esse progresso, e que essa mudança não pode ser marcada em um dia certo, nem mesmo em determinado ano. É o resultado conjugado de vários fatores políticos, econômicos e sociais.

Queremos fazer um retrospecto da fisionomia da cidade. Para isso transportemo-nos ao mapa de São Paulo, à **Plan'História de São Paulo**, de Afonso A. de Freitas. Por ela vemos quanto São Paulo era pequeno e faremos também uma idéia precisa do loteamento das chácaras que a cercavam.

São Paulo mudou pouco de 1 820 a 1 870. E, ainda em 1 820, muito pouco diferia da cidade colonial de 1 810. A população urbana condensava-se entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú. No campo do Bexiga, que abrangia todo o espaço entre as ruas Consolação e Santo Amaro, hoje cortado de ruas e coberto de casario, caçavam-se perdizes, veados e até escravos fugidos. Em torno da cidade havia um círculo de latifúndios baldios que se transformaram nos atuais bairros dos Campos Elísios, Bom Retiro, Vila Buarque, Rua Conselheiro Furtado, Avenida Brigadeiro Luís Antonio, Rua Barão de Iguape, Pedroso e adjacências, pelo aumento sem cessar do preço dos terrenos.

Sobre São Paulo de 1 860 temos o depoimento valiosíssimo de Emílio Zaluar, citado por Spencer Vampré (*). A cidade era triste, monótona e desanimada — observa Zaluar — e tornava-se ainda mais com as férias dos acadêmicos, porque os estudantes, durante a sua residência nas famosas "repú-

(*) Ao tempo em que o autor elaborou o presente trabalho (1 936), a obra de Zaluar não era encontrada senão na edição original, bastante rara, de 1 863. Daí ter lançado mão duma citação indireta, através do livro de Spencer Vampré sobre a Faculdade de Direito de São Paulo. Só em 1 943 apareceria uma nova edição da **Peregrinação pela Província de São**

blicas”, emprestavam à povoação um vida fictícia. Apesar dos seus 26.000 habitantes, e de ser a capital da Província, de ser assento da Assembléia Provincial e residência do presidente da Província, de manter o bispado, uma Faculdade de Direito, um jardim botânico, uma biblioteca notável, um seminário episcopal, um Hospital de Misericórdia, a Câmara, várias igrejas e mosteiros, dois teatros e grande comércio, a cidade era triste.

A cidade era taciturna, contrastando com a cordialidade e expansão no interior dos lares. O interessante é que esse aspecto que Emílio Zaluar ressaltava, ainda predomina até hoje: basta que se analise perfunctoriamente a cidade dentro da qual vivemos.

O paulista já era naquele tempo ameno e franco no trato familiar, ainda que reservado no primeiro encontro. Tinha um falar descansado que lhe era peculiar e ajuntava certa tonalidade particular distinta no seio da linguagem da família brasileira.

No meio dessa população pacífica, havia os inquietos estudantes. Os habitantes da cidade e os estudantes formavam dois corpos heterogêneos, que não se combinavam: os acadêmicos não se misturavam com os “fútricas”.

A moda, pelo ano de 1 860, impunha aos estudantes e às pessoas distintas da cidade sobrecasaca e colete de pano preto, cartola preta ou clara, calças de “boca de sino”, em fazenda grossa, listrada, de xadrez ou escocesa, moda essa que se modificou em 1 863, com as “calças de balão”, correspondentes às saias de balão das senhoras: fechando-se estreitamente sobre os pés, alargavam-se progressivamente pelas pernas acima, até formar na parte superior, desenvolvida curva, e se estreitavam de novo ao redor da cintura. Essa indumentária pode-se apreciar muito bem na curiosa indumentária da época.

Nas ocasiões solenes, envergavam os cavalheiros casaca, com a qual saíam à rua, combinando-a com calças de brim branco.

Não conheciam os colarinhos e punhos postiços, mas somente pregados à camisa; mas usavam gravata, em geral preta, de cetim em nobreza, muitas vezes de laço feito, de mola, que se fechava pelo lado da nuca.

Acrescentando-se um guarda-chuva, menos freqüentemente uma bengala e, finalmente, uns óculos, ou mesmo um monóculo, preso a cadarço

Paulo, do jornalista, poeta e viajante português (São Paulo, Edições Cultura, série “Brasílica”, vol. 4). Posteriormente, mais duas edições de Zaluar vieram a lume: a da Livraria Martins, de 1 954, na col. “Biblioteca Histórica Paulista” (vol. 2) e, mais recente, 1 975, a da Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, na col. “Reconquista do Brasil” (vol. 23). ONM

preto de seda ou a trancelim de ouro, ter-se-á formado idéia de um cavalheiro daquela época.

Imaginem-se românticas melenas à Alfred Musset ou à Théophile Gautier, barba à Napoleão III, à nazarena, à andó, ou ainda à Mefistófeles, e ter-se-á, perfeito e acabado, um tipo de estudante do tempo.

Da imprensa de 1860 temos uma interessante estatística bibliográfica publicada no **Calidoscópico** e citada por Spencer Vampré na sua obra (“Memórias para a história da Academia de São Paulo”). A imprensa da capital de São Paulo publicava os seguintes jornais:

1. Políticos: **O Correio Paulistano**, dedicado aos melhoramentos materiais da Província; **A Lei**, dedicado aos interesses do Partido Conservador; **A Imprensa Paulista**, que advogava a causa liberal; **O Cruzeiro do Sul**, idem.

2. Literários: a **Revista Mensal**, de Filosofia; **Ensaios Literários**, do Ateneu Paulistano; **Memórias**, do Culto à Ciência; **Exercícios Literários**, do Clube Científico; **Murmúrios Juvenis**, do Amor à Ciência; **Esboços Literários**; **Ensaio**; o **Calidoscópico**; a **Revista Dramática**; **O Lírio**.

Com essa longa exposição quisemos dar o ambiente da cidade antes de sua transformação.

(A Segunda Fundação de São Paulo.)

*

DEPOIMENTO DE UM OFICIAL DA FEB

(...) Fomos então deslocados para o setor do Soprassasso, uma imensa muralha de pedra, fortemente guarnecida pelos alemães. Daí eles dominavam toda uma vasta zona e a estrada; atiravam em qualquer cousa que se movesse. A ponte Marano, por exemplo, era um ponto de bombardeio preferido por eles. Praticávamos uma verdadeira “roleta russa” ao transpor o **by pass**, pois a ponte fora destruída. Ficamos numa aldeia chamada Riola Vecchia, e o nosso pelotão ficou acantonado no **potere** de Pepino Bontà, que se recusara sair de casa, apesar da grande **paura** que sentia. A solução encontrada de burlar a vigilância alemã foi a fabricação de uma verdadeira cortina de fumaça que impedia os artilheiros alemães de enxergar os nossos movimentos. Em Riola Vecchia recebemos blusas de peles, luvas de lã, cama-saco. A neve chegara e com ela as patrulhas “brancas” em busca de informações. Às vezes patrulhas nossas se chocavam com as do inimigo, causando e recebendo baixas.